

Uma ponte visual

O homem da cidade, aquele que realmente a convive e aprende, acaba por descobrir que, para lá das memórias técnicas e da planificação dos acessos, sair ou entrar nela é também, e muito, um movimento psicológico - uma passagem para a libertação da rotina ou um regresso ao conforto, á casa. Em vez da transposição brusca das velhas portas muralhadas, o que agora ambiciona é a passagem gradativa que o integre na nova paisagem.

Ele deixa, suponhamos, o verde desafogado de Montes Claros e, entrando no Vale de Alcântara, sente-se acompanhado por aquele traço contínuo a ligá-lo psicologicamente a Lisboa, que é o Aqueduto

desenhos a repetirem-se indefinidamente por associação com a imagem do trânsito mecânico, do asfalto contínuo - simples peças, esses motivos (como num esquema de motor), elementares em si mesmos mas extremamente poderosos de associações. Dispostos em rigorosa esquadria (em diagrama, fazem lembrar) e numa verticalidade linear que anuncia o traçado da grande cidade ou que é o derradeiro eco dela para quem a deixa. Um painel dominado por ritmo e progressão. Mas leve, apesar das suas proporções: servindo-se da alternância de zonas sombrias e transparentes, visa a quebrar a monotonia mecanicista de uma vida de acesso particu-

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

das Aguas Livres. Uma sensação de movimento ainda, com o desdobrar dos arcos e a uniformidade impecável do percurso: a velha patine de pedra identifica-o com a cõr da terra, dos montes, mas o geometrismo e a sobriedade das linhas ajustam-no ao edifício rectilíneo, ao bloco, a cidade para onde se dirige.

Poucas, raras, capitais terão a fortuna de uma ponte visual assim, entre o espaço amplo e verde e a concentração urbana. E é isso que o longo mural da Avenida Gulbenkian parece acompanhar com determinação. Dum lado o Aqueduto, do outro quase convergindo com ele sobre a capital, esse desfilar de cõr ao longo da estrada e esse sublinhado de vegetação para suavisarem o encontro da Cidade com a Natureza.

Eis, então, o mural. Ao correr da velocidade automóvel desenvolve-se num encadeado dinâmico (e discreto) de cõr: jogos geométricos,

largamente densa e, simultâneamente, a aliviar o ríspido paredão em que se inscreve.

Mas mais perto, mais repousadamente, este mural oferece uma segunda leitura. A minuciosa organização do seu reduzido número de elementos em tantos e tão diversificados arranjos propõe uma recriação constante - variações como na música. Daí se deduz uma outra preocupação evidente: a de se dirigir **também** ao peão, a fazê-lo deter-se, e imaginar. Está marginado por uma faixa de vegetação rasteira, um breve espaço de vida natural, não domada, e com isso distancia o homem que passa da agressividade do tráfego. Ele poderá sentar-se num dos bancos que ali se encontram e medir as portas da sua capital. Estender o olhar por esse friso admirável que é o Aqueduto ou demorar-se diante da saudação de cõr que Lisboa lhe dirige: o mural entre a Natureza e a Cidade.